



Argumento de Autoridade

O que é o Argumento de Autoridade?

Argumento de Autoridade é o nome dado a um recurso argumentativo segundo o qual, ao tomarmos nossas escolhas, as justificamos como fazendo parte do comportamento de outras pessoas importantes.

Isso significa que usamos os hábitos e opiniões de figuras de autoridade (especificamente na nossa vida ou no mundo como um todo) para trazer certa autoridade ao que fazemos.

É como se o fato de uma pessoa ser bem sucedida no seu trabalho ou ter forte influência na nossa vida (como uma mãe ou um avô, por exemplo) fosse suficiente para apontá-la como um exemplo a ser seguido incondicionalmente.

Às vezes, o sujeito é realmente um modelo - como um médico dando conselhos sobre como melhorar de uma gripe ou um pedreiro, sobre como erguer um muro. No entanto, o Argumento de Autoridade passa a se tornar um elemento negativo em nossas vidas quando é usado para nos enganar - se tornando um verdadeiro reforço aos vieses cognitivos.






Como o Argumento de Autoridade está relacionado ao Apelo à Autoridade?

Algumas pessoas confundem o **Argumento de Autoridade** com um viés cognitivo chamado **Apelo à Autoridade**.

O Apelo à Autoridade é caracterizado como a tendência mental que todos nós possuímos, como seres humanos, de nos apoiarmos nos comportamentos e opiniões de pessoas bem sucedidas em certas áreas ao tomarmos nossas próprias decisões.

Elas podem ser famosas (como Platão, Marie Curie e Jane Goodall) ou figuras de referência na sua vida (como o seu pai, o seu melhor amigo ou o seu chefe).

O fato é que, embora recorramos à Platão em uma discussão filosófica ou às opiniões do seu pai sobre como limpar leite condensado quando ele se espalhou pela geladeira inteira, essas figuras nem sempre estão corretas em suas opiniões.



Já imaginou fumar só porque a sua mãe fuma? Para justificar, você diz que "não há ninguém no mundo em quem eu confie mais do que na minha mãe" - logo, se ela fuma, você vai fumar também.

É aí que o argumento de autoridade aparece: ele se caracteriza como a justificativa racional que damos para fazer tal coisa, em detrimento de outro. No maior estilo "se fulano, que é tão inteligente, faz isso, por que eu não faria?".


O problema é que existe uma grande diferença entre se espelhar, por exemplo, na forma como a sua mãe cria motores (como excelente engenheira mecânica que é) e nos seus hábitos de saúde. A não ser que ela seja médica e tenha pesquisas comprovando a racionalidade de seus comportamentos, nesse assunto específico ela é tão leiga quanto qualquer outra pessoa, e não uma autoridade.

Assim, podemos concluir que o Argumento de Autoridade é uma ferramenta através da qual o Apelo à Autoridade se expressa. Pode-se dizer até que, sem ele, o Apelo não se sustentaria.

Como o Argumento de Autoridade interfere na sua vida financeira?

Já imaginou investir em um investimento X ou Y apenas porque é lá que o seu chefe (que entende tanto disso quanto você) investe? Ou então comprar um carro de modelo tal baseado nas compras feitas pelos seus amigos (outro bando de leigos)? Sem falar em começar um negócio porque aquele seu colega de trabalho que você mais admirava largou o emprego para abrir uma empresa naquele ramo?






Quase todo o conhecimento — todo, quando se sai do aqui-e-agora — depende do conhecimento de outras pessoas. Não se trata apenas de dizer o evidente: que só com base nos arqueólogos uma pessoa sabe que os dinossauros se extinguiram há sessenta e cinco milhões de anos. Trata-se de dizer que os próprios arqueólogos só o sabem porque se apoiam noutros especialistas; regra geral, quanto mais especializado for o conhecimento, maior é o número de especialistas em que cada especialista se apoia. Assim, quase todo o conhecimento, sobretudo o mais especializado, é duplamente indireto, porque, além de as provas baseadas nos sentidos e noutras fontes serem indiretas, uma das fontes mais relevantes para o conhecimento de um ser humano são os outros seres humanos.

Além disso, mesmo no caso dos métodos de prova lógico-matemáticos, a procura alheia de erros é fundamental; o que dá segurança epistêmica a uma suposta derivação é que se tiver um erro que o autor não viu, os seus colegas facilmente o veem. E o mesmo acontece no caso das outras provas. Não basta que um arqueólogo tenha provas de que os dinossauros se extinguiram há sessenta e cinco milhões de anos; é preciso que essas provas sejam cuidadosamente examinadas por outros arqueólogos, para encontrar e eliminar o maior número de erros que se conseguir. Assim, o conhecimento depende dos outros não apenas no sentido de eles terem um acesso menos indireto que nós a várias provas, mas porque é preciso que várias pessoas as examinem cuidadosamente para ver se escondem erros. O erro que uma não viu, encontrar a outra. Não há crenças bem provadas radicalmente privadas; mesmo no caso da física de Newton.





Devido a estas duas razões, é de importância capital compreender os argumentos de autoridade, cuja forma lógica é muito simples: alguém afirma que *A*; logo, *A*. Esse alguém, a autoridade, é um autor, um especialista ou qualquer pessoa. Claro que é raro encontrar argumentos de autoridade formulados desta maneira tão explícita; o mais comum é escrever algo como «Para Glass, Perotin era um compositor inexcelável». A ideia, porém, é a mesma: considera-se que a posição de Glass acerca de Perotin conta a favor da ideia de que aquele compositor medieval realmente era inexcelável. E a primeira armadilha em que se cai por vezes nos argumentos de autoridade é atribuir uma afirmação a quem não a fez. Daí que seja importante provar que a autoridade invocada realmente afirmou o que lhe é atribuído: em que publicação o afirmou ela, e em que página? No contexto em que ela o afirmou, quer dizer o que parece, ou trata-se de uma citação abusiva porque distorce o pensamento do autor?

Presumindo então que a autoridade invocada realmente afirmou o que lhe é atribuído, é preciso compreender bem a estrutura da prova aqui em questão. Considere-se Glass, que está a falar pelo telefone com alguém que está noutro país. Esta pessoa pergunta-lhe como está o tempo, e Glass responde que está nevoeiro. Ele não é meteorologista, mas é uma *autoridade epistémica* quanto àquela afirmação específica porque tem um acesso simples à prova: olha pela janela e vê. Isto esclarece o aspecto fundamental deste tipo de raciocínio:

Nos argumentos de autoridade visa-se estabelecer uma *cadeia probatória* entre as provas que a autoridade tem de uma afirmação específica e a crença de outra pessoa; só são cogentes se essas provas forem boas.



Nesta aula não Haverá postagem de Tarefa.

Faça suas anotações.

